

instituto de arte contemporânea

De 5 a 23 de maio de 1970

Exposição N.º 117





TENREIRO nasceu em 18 de abril de 1906, em Melo, Serra da Estrêla, Portugal. Esteve diversas vezes no Brasil, aqui radicando-se definitivamente em 1928. Em criança, na escola primária, estimulado pelo seu humaníssimo professor Joaquinzinho, desenhava e vestia com "serrubéco" seus bonecos serranos. Empolgava-se ao ouvir falar de arte, e gostava de escutar os oradores sacros. Admirava o teto de tábuas pintadas da igreja matriz e a via-sacra primitivista da Igreja da Misericórdia. Nos começos de 1929, matriculou-se no Liceu Literário Português, onde recebeu, no segundo ano de desenho, o prêmio Joaquim Alves Meira.

Fêz parte do grupo de artistas que iniciou o Núcleo Bernardelli, onde estudou modelo vivo e pintura.

Concorreu ao Salão Nacional de Belas-Artes (Divisão Moderna) até 1950, onde recebeu Medalha de Bronze e Medalha de Prata (Insenção do Júri).

Fêz a primeira exposição individual em 1946, no Instituto de Arquitetos do Brasil, merecendo a atenção da crítica da época.

Expôs em São Paulo, em 1949, na Galeria Domus.

Fêz parte do Júri do Salão Nacional de Arte Moderna por vários anos.

Expôs em 1967 na Galeria Copacabana.

Em 1969 executou um painel de 4x7m para a Sinagoga "Templo Sidon", na rua Conde de Bonfim.

Figurou com cinco trabalhos, relevos a óleo, na "VIII Bienal de São Paulo".

Herdara da família o gosto por trabalhos em madeira e, durante anos, dera colaboração como decorador a firmas importantes de mobiliário, como Laubisch & Hirth e Leandro Martins.

Depois das atividades profissionais nessas firmas, tornou-se pioneiro na criação do mobiliário moderno no Brasil, fato que a Enciclopédia BARSÁ registra no seu volume 9, página 278.

Criou, para o Palácio do Itamarati em Brasília, mesas e cadeiras do Salão de Banquetes.

#### OBRAS EXPOSTAS

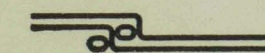
- 1 Umbanda
- 2 Claro-escuro
- 3 Coordenadas
- 4 Místico
- 5 Luanda (face dupla)
- 6 Prismas brancos
- 7 Infância
- 8 Homo
- 9 Contrição
- 10 Branco e azul (face dupla)

- 11 Enlêvo
- 12 Reunião prismática
- 13 Composição (face dupla)
- 14 Ibéria
- 15 Sabará (face dupla)
- 16 Aveiro
- 17 Autônomo
- 18 Visual
- 19 Múltiplo
- 20 Sequência
- 21 Fita

- 22 Fantasia branca
- 23 Sequência branca
- 24 Tôpo
- 25 Três pontos
- 26 Prismas verdes
- 27 Sugestão prismática
- 28 Prismas em faixas
- 29 Sugestão mística
- 30 Verde-amarelo
- 31 Colagem
- 32 Desenho

«Edições Galeria Bonino»  
Catálogo Biográfico

Impresso pelo Atelier de Arte



Rio de Janeiro  
Brasil



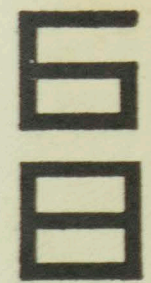
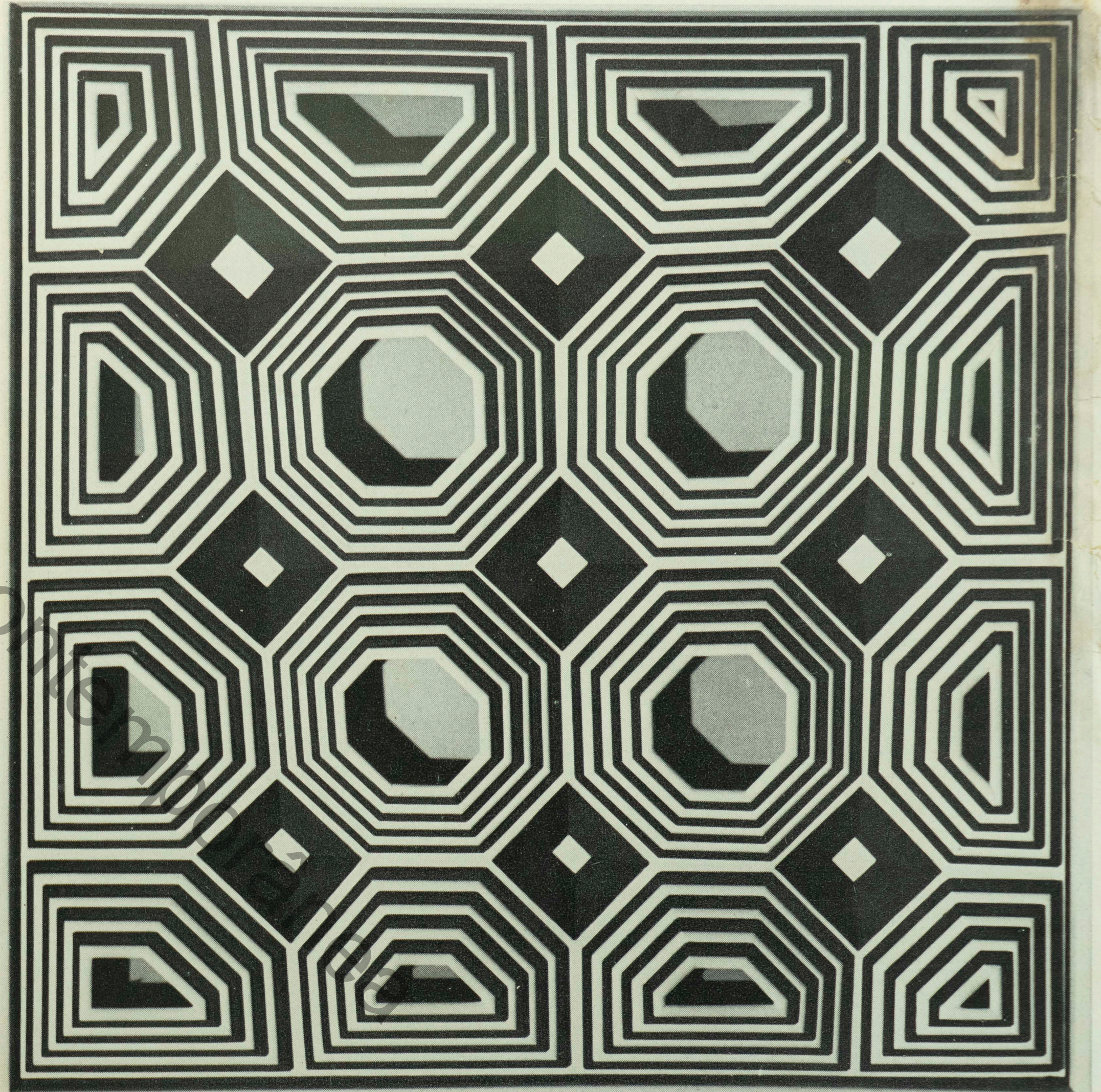
Esta exposição de Joaquim Tenreiro vem coincidir com o fechamento de sua famosa loja de móveis, através da qual este artista se caracterizou como o verdadeiro criador do mobiliário moderno no Brasil. Missão cumprida, longe de significar esterilidade, o instinto criador do mestre Tenreiro retoma toda uma tradição vivencial de seus muitos anos de trabalho, e se mostra intato na concepção de formas que revelam ainda o DESIGNER caprichoso e inventivo que sempre foi. Mesmo como criador e fabricante de seus móveis, Tenreiro recusou categoricamente a submissão à tirania industrial. Havia a margem exata de artesanato em cada uma de suas peças, o que as caracterizava pela resistência, qualidade material, acabamento e elegância de forma. O artista nêle não cedeu à ganância de uma cômoda seriação — hoje é fácil entender isto, nesta mostra onde todos os protótipos da decoração, da memória, dos resíduos regionais, do misticismo e de uma renovada arquitetura, se revelam transformados em objetos em relêvo, esculturas ou móveis que se liberam descontínuos na maestria de um desenho espontâneo. Este desenho interior vem contido na pauta de um abstracionismo geométrico rigoroso conduzido pelos rumos ópticos de um cromatismo refinado. Tenreiro já foi autor da melhor paisagem e por volta de 1950 via des- pontar em seu trabalho os primeiros indícios do geometrismo. Avançaria neste sentido, partici- pando em 1967 da documentação da abstração geométrica, realizada no Ciclo de Estudos do Diretório da Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. As pesquisas com relêvo, montagens de madeira e composições com tachas pintadas sôbre madeira, vinham paralelamente ao fecundo exercício da concepção mobiliária, como se dos detritos e elementos servis das belas peças práticas da decoração de interiores, êle tirasse o momento raro de beleza e equilíbrio, para a pura fruição visual. Sem divorciar esta fruição da natureza material e construtiva de sua atividade profissional. Apesar do permanente laboratório a que se manteve fiel, como artista, o pintor Tenreiro ficou um tanto marginalizado, enquanto o DESIGNER empolgava o cliente e os teóricos de uma arte que cedia cada vez mais seu âmbito sagrado, ao condicionamento de formas aptas a aperfeiçoar o cenário cotidiano e trivial da vida breve e transitória. Tenreiro servia assim aos dois senhores do mundo, ao útil e ao belo, e entremeava num mesmo elán êstes dois lados de moeda altamente valorizada de sua modesta obstinação. Hoje que a produção de seus móveis cessou, o Museu de Arte Moderna está a nos dever a exposição dêste acervo de protótipos, pro- jetos e peças, já que a ambição de seu Instituto de Desenho Industrial é fazer o levantamento da programação visual de nosso tempo. Sem a demonstração de passados próximos, como o de Tenreiro, é impossível deixar bem claro o que veio depois. Enquanto isto ficamos com a lem- brança desta mostra aqui inaugurada, onde a alegria de criar circula através de composições que retomam as formas góticas dos templos, as "almofadas" dos portais barrocos, as decorações po- pulares das festas náuticas portuguesas (país de origem de Tenreiro), as ondas de sombra e luz, as dimensões mágicas das superfícies de tachas registradas no tom baixo de uma surdina cromá- tica, o mistério da metamorfose dos papelões, dos gomos vasados, dos objetos de dupla face, dêstes sêres híbridos de que se formula o sonho tridimensional dos pintores da nova era. Tenreiro está em dia. É o artista pleno e maduro que despe a camuflagem, que brota com a esperada potência. Encerrado o ciclo de criação de objetos funcionais com que compunha o espaço habitado, ele parte para outros objetos composicionais do mesmo espaço, em têmos de uma absoluta reso- lução arquitetônica. Tenreiro deixou o acessório, depois do perfeito domínio de suas garras, para pesquisar a essência.

WALMIR AYALA — Rio de Janeiro, abril de 1970





instituto de arte



GALERIA BONINO

Rua Barata Ribeiro, 578

Rio de Janeiro

Brasil



JOAQUIM TENREIRO

Relevos

instituto de arte contemporânea



GALERIA BONINO

Rio de Janeiro Brasil